

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de **A Velha Guarda**

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAPE

## BANQUETE DE HOMENAGEM VELHARIAS FORENSES

AO ILUSTRE REPUBLICANO EX.º SR. DR. BRITO CAMACHO

por Eduardo de Almeida

no Hotel das Termas, das Caldas das Taipas

As primeiras afirmações políticas de S. Ex.º após alguns anos de voluntário silêncio. — «E' deshonrosamente republicano todo aquêl que na hora presente se eximir a sacrificios» — proclama-o S. Ex.º. — A República é vivamente vitoriosa —

Sabido que S. Ex.º o sr. Dr. Brito Camacho viria a esta cidade realizar uma conferencia a convite da benemérita Sociedade Martins Sarmiento, logo os republicanos de Guimarães pensaram em homenagear o inclito cidadão e velho propagandista republicano, testemunhando-lhe o apreço não só pelas suas raras virtudes mas também pelo pósto que occupou na pleiade gloriosa dos que sentiram a chama invulnéravel de idial a abraçar-lhes o peito, no tempo do antigo regimen, remoçando o velho Portugal.

E assim, pensaram em convidá-lo a assistir a um banquete que teve a sua realisação na passada sexta-feira e a que assistiram muitos republicanos vimaranenses.

S. Ex.º foi alvo duma grande manifestação de simpatia, e honra-nos de sobre maneira o termos sido nós, republicanos de Guimarães, quem arrancou do silencio voluntarioso o homem que será útil à Pátria e á Republica, voltando á actividade política como o prometeu.

Foram uns momentos deliciosos esses, em que nos juntamos em volta do caudilho para firmar mais uma vez, com a mesma fé de S. Ex.º, a nossa própria fé nos destinos da República.

Tomaram parte no banquete os seguintes senhores: Dr. Eduardo de Almeida, José Jacinto Júnior, Capitão Duarte Fraga, Dr. José Pinto Rodrigues, Capitão Sousa Guerra, José Luis de Pina, Dr. Francisco Rodrigues, Dr. Florençio Lobo, José Fernandes Guimarães, Dr. Guilhermino Rodrigues, Dr. Henrique de Oliveira e Sá, representado pelo Tenente Carlos Coelho, Capitão Malaquias de Sousa Guedes, Augusto Pinto Lisboa, Dr. Antonio de Jesus Gonçalves, Dr. Duarte Pinheiro, Dr. Manuel Ferreira da Costa, Dr. Alfredo Fernandes, José de Sousa Lima, L. Coelho, Avelino Faria Guimarães, Alfredo de Sousa Felix, João Monteiro, Antonio Pereira Rodrigues, Alferes Herculano Guerreiro, Augusto Mendes, Antonio Ribeiro Venancio, Dr. Mário Dias, Luís Candido Lopes, Joaquim Eduardo da Silva, Capitão Antonio Flores, Manuel Caetano Martins, Francisco Pereira Quintas, P.º Antonio de Jesus Teixeira, P.º Alfredo Correia, Tenente Albano José da Cruz e João Esteves.

Assistiram também o Dr. Feliz Barreira, de Braga, e os sr.s Dr. Germano d'Amorim e José Castilho, dos Arcos de Valdevez.

O *ménu*, fornecido pelo Hotel Paulino, agradeu plenamente e constou de:

Canja de galinha  
Cosido á portuguesa c/ arroz de forno  
Maionese de pescada  
Tornedos á americana e  
Perú

### SUBREMESA

Pudins, ananaz com vinho fino, e frutas.  
Vinhos verdes, finos e champagnes.

Ao *toast* brindou em primeiro lugar o sr. Capitão Sousa Guerra, que, recordando um episódio ocorrido na Escola Militar, no tempo da monarchia, com os alunos que então a frequentavam, uma vez que se negaram a cumprir as imposições religiosas, encontraram um acérrimo defensor no director da «Luta» — o homenageado d'hoje, — que evitou a expulsão desses 25 % de revoltados confessos.

Terminou: — «E' vencemos». Os aplausos ecoaram na sala e os vivas ao Dr. Brito Camacho, á Junta Liberal e á República se fizeram ouvir.

Depois, seguiu-se no uso da palavra o sr. Dr. Alfredo Fernandes, director-clínico do estabelecimento Termal das Taipas, que saudou efusivamente o velho caudilho da República.

Novas manifestações se repetiram, sendo ininterruptos os vivas á República e ao Dr. Brito Camacho.

O illustre advogado e talentoso orador, Dr. Eduardo de Almeida, ergue-se tambem para falar. Diz ir fazer, não um brinde, mas uma saude ao Ex.º Sr. Dr. Brito Camacho. E fá-la, tanto mais que já pereceram quasi todos os precursores da República e necessário se torna conservar a vida d'aquelles que ainda nos restam. Referiu-se ao Dr. Manuel d'Arriaga, a Sampaio Bruno, José Falcão e Bazilio Teles, que a morte na sua fúria roubou ao convívio dos que, como elles, sentiam o mesmo fogo a incandescer dentro do peito.

Falou da obra dos propagandistas, e, reconhecendo os serviços que o sr. Dr. Brito Camacho, poderia prestar á República, pediu a todos os presentes que o acompanhassem naquella saude.

Pela saude do Dr. Brito Camacho! Pela saude do Dr. Brito Camacho! grita-se de todos os lados.

Por último, levanta-se o home-

nageado. Uma prolongada e quente salva de palmas o recebe. Principia S. Ex.º por agradecer aquella festa, que o deixou surpreso, e diz que, embora contrario aos seus hábitos, aceitou uma vez que Guimarães o recebeu tão gentilmente.

«De futuro, terei de ser um escravo destas homenagens, mas resta-me a compensação de elas traduzirem aquêl pensamento que anda na alma de todo o povo português — a palavra mágica *República*».

Só quem tem percorrido o país, mesmo em reuniões não políticas, é que pôde avaliar o incentivo que dimana dessa palavra. Sente-se que ella é uma aspiração nacional e que faz vibrar os milhares de corações que a desejam e sentem.

— Fartos aplausos e calorosos vivas á República.

Proclama a sua fé inabalável nos destinos da República e, assim como elle se sente correligionário de todos os liberais, por que a República passou de mão, considera deshonrosamente republicano todo aquêl que na hora presente se eximir a sacrificios e que provocar a desunião que tem de fazer-se a todo o transe.

— Bravo! Muito bem! Viva a República! ouve-se de todas as bocas dos convivas.

«Eu não ambiciono nada; nem lugares nem governo. Vejo que terei de descer á terreiro para pugnar e defender a República, e podem os republicanos contar comigo. E' natural que tenha de fazer uma grande viagem, que me demore por lá... O que digo aos republicanos de Guimarães é que, ao pisar terra firme, a primeira terra que visitarei será esta».

— Viva a República! Viva a Pátria!

Viva o Dr. Brito Camacho! Abaixo a reacção! clama-se a uma voz.

Terminado o seu discurso, S. Ex.º retirou-se para a cidade do Porto, tendo-o acompanhado os sr.s Capitão Duarte Fraga e Tenente Albano José da Cruz.

\* \*

No próximo numero será feita a apreciação da conferencia feita por S. Ex.º na Sociedade Martins Sarmiento.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

A 2 de Março de 1835, o pai e avô de Custódio e do João assignava termo de fiança e abonação por todos os prejuizos, perdas e danos, em que os Réus fossem condenados na querela de ferimentos, obrigando sua pessoa, bens móveis e de raiz, e terços da sua alma, dando como testemunhas abonatórias Candido Martins, ourives, e Francisco Aveiro, boticário, ambos da rua da Tulha, nos termos do Decreto de 30—Abril—1830. Minutando o agravo do despacho de pronuncia, escrevia o dr. Antonio Leite de Castro: «Porquanto he decidido entre todos os Criminalistas que ninguém deve ser pronunciado a prisão e livramento sem que do summário resulte huma prova que se tivesse sido judicial seria bastante para a imposição de huma pena ainda mesmo somente extraordinária: «Aponta a deficiência e contradição das testemunhas de culpa, e acrescenta: «Além disto, que no acontecimento de que se trata há grande exaggeração filha de animosidade por excessos de partidos he fóra de toda a duvida porque sabendo nós todos quanto dista da Casa ou Estalagem do Dionisio á rua de S. Damaso he incrível que o mensageiro que deu parte ás testemunhas n.º 1.º e 3.º visse principiada a desordem em S. Damaso, fosse a d.º Estalagem; e dali viessem as mesmas testemunhas, e presenciassem ainda a figurada desordem no seu começo, e em acção Aggrav.º a descarregar os presumidos golpes, como atrevidamente querem inculcar, de forma que ou a razão do dicto, ou o mesmo dicto contem falsidade, e exa.º razão filha de odio e espirito de perseguição». Foi o processo com termo de visita ao Sub-delegado o dr. Francisco Leite Pereira de Castro, que se escreveu por, como Juiz de Fóra interino, ter lavrado o despacho de pronuncia. Por comissão do Dr. Joaquim Cardoso de Carvalho e Lima, foi nomeado para o substituir o Licenciado Manuel Antonio de Lima Peixoto. Este declara que o agravo não pôde obter provimento, porque as testemunhas são bastantes não só para a pronuncia, mas até para a condenação... tanto mais em hum crime tão grave pela sua qualidade, e circumstancias de que he revestido». O dr. Carvalho e Lima diz «respondo com a culpa»; o Carregador dr. Alexandre Fortunato Vilaça denega provimento, e manda pagar as custas. Para se organizar o que hoje dizemos «certificado do registro criminal», o Juiz mandava aos escrivães responder com as culpas ou sem ellas dos arguidos, e, cada um, na mesma folha, lançava e rubricava: «nada» ou «tenho culpas». Dez responderam negativamente, só o dos autos as accusando. Era verdadeiramente «uma folha corrida». O Delegado deduziu o libelo accusatório. Depois de articular os factos, mostrava «que segundo a não. 1.º 5.º Tit. 3534 aquêl que fere a outrem de propósito, ou com arma defeza, ou prohibida tem a pena capital, cujo delicto (sic) se torna ainda mais aggravante por ser em resultado de um

grupo que estava dando noticias atterradoras», e concluiu pedindo a applicação da pena da lei «para punição sua, exemplo dos mais, e satisfação da justiça offendida».

A pena de morte!

Contraria o advogado Leite de Castro: «os R. R. são obdientes ao Legítimo Governo da Rainha a Senhora D. Maria Segunda, a que se submeterão, sem o maldizerem nem espalharem noticias desfavoráveis ao mesmo, ou procurarem desacreditá-lo».

Trabalharam todo o dia, no dia referido, em sua officina, como de costume, e, ao anoitecer, saíram na procura de fazendas do seu consumo, sendo vistos, a horas de trindade, na praça do Toural e outras ruas. Damaso, filho e irmão deles, encostara-se á porta a, largado o trabalho, quando chegou o denunciante, armado com um pau, e lhe chamou «caipira», insultando-o por haver sido soldado de D. Miguel, e ia descarregar-lhe uma pancada, a que se furtou, metendo-se em casa e aterrorizando a porta, o que foi presenciado pelos vizinhos. Do barulho não saiu ferido o denunciante, visto a passear, depois, sem ferimento algum. «Para com este pretexto lhes comer alguma coisa é que a si mesmo se feriu, quando levou a queixa. Do exame de sanidade, feito pelo mesmo cirurgico, na presença do Juiz de Fóra, do Alcaide João Baptista da Silva e mais testemunhas, consta estar curada a ferida, sem lesão nem deformidade. Ouvidas as testemunhas apresentadas pela defesa, confirmam-na inteiramente, dizendo que o denunciante quizera «comer alguma coisa aos réus como comera».

O Sub-delegado Lima Peixoto mantem a accusação, sustentando a veracidade do depoimento das testemunhas do sumário, o mais contraditório possível, dizendo que, se os réus estivessem innocentes, não se tinham aproveitado do perdão, tam magnanimamente concedido pelo denunciante, «pois principio he do antigo, e rifão velho: Quem aceita perdão confessa a culpa». E, delicioso, apimenta o caso: «Por outro lado as testemunhas de defesa são conhecidamente affectadas, e inacreditáveis, não merecendo o menor peso juridico». «Este é que é um antigo, o rifão velho, mas sempre novissimo. O advogado sustenta a defesa, fazendo notar que várias testemunhas declaram, terminantes, que «por conselho de hum homem mau chamado Mauricio elle e o queixoso, se ferira a si mesmo em casa do vendeiro transmontano». Os réus não haviam pedido qualquer perdão: «já lá vai ha muito o tempo em que o perdão aceito, a fuga da cadeia são reputados como confissão do crime accusado, ideias bem repugnantes ao senso intimo, e a natureza do homem». Concluso o processo para sentença, forão os réus absolvidos, em 25 de Agosto de 1835.

(Continua.)



A Estação Postal de Moreira de Cónegos (Vinhas)

**Fóra, vilões!!!**

Encapotadamente, o professor Soares e Abílio de Barros tem urdido os mais infames trabalhos de sapa contra um funcionário zeloso e honesto.

O correspondente de Vizela, vulgo o «Papa-jantares», patenteia alarvemente a sua ignorância no «Correio do Minho», ao mesmo tempo que serve de capa aos embusteiros que o açulam e lhe dão de comer

Vem já de longa data a acintosa e ferina perseguição que o professorêlho Soares, ajudado, ainda, pelo presidente da Junta, Abílio de Barros, o mais célebre *fari-nheiro*, cujas indecorosas façanhas, diante de meninas, chegaram já ao conhecimento da Autoridade Administrativa, tem movido contra o actual depositário da caixa do correio na mesma freguesia.

Façamos a resenha do ignóbil e abominando procedimento destes cavalheiros, em detrimento do referido depositário, deixando-os bem premiados entre este introito e o próximo aparecimento de dois artigos nossos, nos quais, isoladamente, há-de ser exposto, cada um deles, a celebridade pública, como fundibulários de esquina, — que ambos são, — sempre covardemente escondidos na treva...

Com acriminiosa energia os desmascaramos, consecutivamente e em números diferentes, saindo mais um outro artigo que será dedicado ao correspondente que — mediante uns jantares que ao bico lhe cheguem — indignamente se rende ao ignominioso papel de execrável caluniador, fazendo um rele frête de maledicência numas correspondências sem *nexo* lógico e nas quais a propriedade dos termos e a pobre gramática ficam trapiçadamente a escorrer sangue?!

Servindo-se deste PATETA — inconsciente do lugar que é preciso honrar na Imprensa, e a cujo retrato nós haveremos de dar todas as sombras e o mais cuidado retoque — servindo-se deste pobre diabo e emérito *parvajola*, repetimos, o «Correio do Minho» estampou, infelizmente, os seguintes descabelados e caluniosos dislates, em que o Sr. Ferreira, como depositário do correio em Moreira de Cónegos, é sobeja, absoluta e covardemente ofendido.

O imundo *pasielão*, em síntese, resa assim:

1) O depositário recusa-se a entregar a correspondência às pessoas que não são da sua simpatia;

2) *melhor informado*, o correspondente soube que, após as 17 horas, o mesmo funcionário só dá a correspondência a quem muito bem entende, assim apoucando pessoas e *adulando* (sic) quem lhe apraz;

3) que daquele correio às vezes sai correspondência em tal estado, que *isso* faz PREVER SUSPEITAS (sic) d'abuso, que é como quem quer dizer: de violação. (Isto de *prever suspeitas* é tremenda calinada... Um alho! este correspondente!...)

4) que, desde há muitos anos, diversas juntas não pugnado pela centralização da caixa, sem que tal se haja conseguido, porque certo *mognate* (sic) de freguesia próxima tem conseguido manter o *stata quo nate* da localização. (Este *mognate* está aqui a matar... Um alho! este escriba!...)

5) Que o actual depositário se agarra á caixa como a um rendoso negócio, mas que, acima dos interesses particulares devem sobrepujar (sic) os interesses gerais; e que, finalmente, é preciso que mais queixas se não venham a registar...

Ora nós temos o inegável prazer de desmentir, com o desassombro da Verdade, o pouco escrupuloso *correspondente*, pelos seguintes fundamentos:

a) O depositário Ferreira *nunca* se recusou á entrega de qualquer correspondência nas horas oficiais; e o acintoso e malévolo *escriba* veio confessar que *calunisa*, pois que, *«melhor informado»*, nos veio dizer, emendando a mão, que é *fóra das horas oficiais*, ou seja após as 17 horas, — que o depositário só entrega correspondência às pessoas a quem quer *«adular»*.

(Este *adular*, aqui metido, é dum verdadeira propriedade clássica... Um alho!)

Tenha paciência o desgraçado epistológrafo, mas eu AGARRO-O seguramente para que ele não fuja á falsa acusação, que fez na sua primeira correspondência, em que afirmou, em concreto, que o depositário *se negava, terminantemente, e sempre, á entrega do correio.*

Vê-se á saciedade, a sua calúnia, exibindo-se franca e claramente, um abobinando TRAPALHÃO!!

b) Os inimigos do depositário teem-se valido, canalhamente, de todos os *trucs* para o comprometerem, e, assim, parece terem lançado mão dum expediente infame, só próprio de condenados — ou fosse o seguinte:

Quando, há já tanto tempo, começou a *reles* campanha contra o funcionário perseguido, — e durante quinze dias, mais ou menos, — apareceram, por aquêle correio, para os indivíduos *metidos no caso*, cartas que pareciam vir d'ante-mão propositadamente VICIADAS, como quem assesta uma bateria, afim de, encarniçadamente, metralhar uma pessoa *indefeza*...

O pobre homem, sentindo-se vítima do maquiavélico plano, apressou-se a dar parte da solerte e insólita ocorrência ao seu superior hierárquico, o qual, confortando a pobre vítima, lhe deu o bom conselho de que, nas ditas cartas, escrevesse a nota de: *«deu entrada nesta estação no estado em que se encontra».*

Isto é norma antiquíssima nos correios de todos os países, e, desprevenidos para este desfecho contra o seu nefando crime, detraçores do honesto Ferreira mostram-se agora tristes e CONFUNDIDOS no seu fracasso, conforme bem o demonstra a imprudente e romba pena deste emérito patarata de Vizela!

E embora, — como acima deixamos dito, — tenhamos de celebrar este plúmítico em artigo especial, não porque ele valha alguma coisa mas sim porque precisamos pôr de sobre-aviso os jornais que lhe passaram cartas de correspondente, a ele, e aos que ele encobre — que são dois mais — lhe bradamos:

d) Nada importa aos superiores Telégrafo-Postais o inconfessável intento d'almas *prostituidas* pelo desejo da perseguição contra um bom, zeloso e honesto funcio-

nário de correios mesmo quando se tente encobrir *fins reservados*, numa centralização que, no caso presente, é apenas uma SONORA CANTATA que, todavia, não consegue adormecer os dirigentes Telégrafo-Postais, visto que não é nunca a TOPOGRAFIA que indica a localização dum pósto do correio, á moda do que sucede com a localização das igrejas, onde pontifica muito *padre palife*, que o reverendo Armindo bem conhece...

A caixa está em Vinhas, inteligentemente ali posta por quem atendeu a um interessante factor económico, muito da consideração da Administração geral dos Correios e Telégrafos. Esse factor foi o de que: — uma Estação Postal, com serviço de REGISTO, teria de localizar-se de forma a servir os melhores centros limítrofes que dela possam servir-se, lucrando a A. G. com isso.

Ora — como Estação postal desse género e tendo ela de existir em Moreira de Cónegos — é realmente VINHAS o mais imperiosamente indicado centro, em relação ás outras Estações Postais congêneres, servindo á maravilha as necessidades não somente de Cónegos, como ainda dum grande e populosa área de *Lordelo, de Guardizela, de Serzedêlo, de Gandarela e S. Martinho do Conde!*

Não seja, pois, a decantada centralização o argumento dos nossos contraditores, que se *de-mentam* por escuras e ingratas veredas...

e) O actual depositário não vê no seu cargo o tal rendoso negócio que só zanagas, como o correspondente e amigos, poderão lobrigar.

De há longos anos que ele vinha servindo a A. G. por um ridículo estipendio, e, por isso, há um ano que requereu servi-la gratuitamente.

E' assim que se quebra a asquerosa *bocarra* a um correspondente embusteiro e desavergonhado!!

f) Nem tenha medo de que queixas se venham a registar, pois que, a não ser a doença da obsessão — de que estão possuídos o Soares e o Barros — não há, creia, mais alarves que a tais queixas se prestem...

A *patifaria* é exclusiva atributo desses dois *satânicos esbirros*, sinistramente perfilhada pelo imprudente e pernicioso *escriba* que se dedica a baixos fretes contando que se lhe lance uma códea! O que nós sabemos!...

Safa!!... Por que sujas mãos anda a Imprensa... E... já que nos preterderam picar...

VAMOS AO SOARES.

(Continua).

Bisturi.

**Teatro Gil Vicente**

Realiza-se no próximo dia 10 de Abril um espectáculo, revertendo o seu producto a favor do cpfe da Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesa, pela Companhia Rafael de Oliveira, com a representação, a pedido, da sublime peça em 5 actos, «Morgadinha de Val-Flôr», original do saudável escritor Manuel Pinheiro Chagas.

«Quando uma leitura nos eleva o espirito e nos inspira sentimentos nobres, não procuremos outra regra para julgar a obra; é boa e feita por mão de mestre».

LA BRUYÈRE.

**EM DESAGRAVO**

**Quebrando os dentes à calúnia**

Em 8 do corrente — 30 dias depois de apresentado — foi lavrada, no requerimento acima transcrito, dirigido ao Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Camara, a seguinte certidão:

Certidão — José Fernandes Ribeiro Gomes, official da secretaria, servindo de chefe da Secretaria da Camara Municipal de Guimarães:

Certifico, em cumprimento do despacho que antecede, que examinando todos os livros de contractos, arrematações, empreitadas, cadernos de encargos, orçamentos e projectos de obras e o proprio livro de actas da Comissão Administrativa da Camara, a meu cargo, nada consta, que a Comissão Administrativa da Camara Municipal a que presidiu o Excelentissimo Senhor Capitão Duarte Ferreri de Gusmão Sousa Fraga deixasse dividas passivas durante a sua gerencia, desde Julho do ano de mil novecentos e vinte e seis a trinta e um de Janeiro do ano de mil novecentos e vinte e oito, e os saldos deixados foram de cento e oitenta e trez mil novecentos e noventa e nove escudos e setenta e um centavos, em trinta e um de Dezembro do ano de mil novecentos e vinte e sete, e de duzentos mil quinhentos e noventa escudos e vinte e um centavos, em 23 de Janeiro do ano de mil novecentos e vinte e sete, e de vinte e sete e vinte e oito de Janeiro de 1923. O referido é verdade.

Guimarães, secretaria da Camara Municipal, aos 7 de Março de 1930 e trinta. José Fernandes Ribeiro Gomes (selo em branco da Municipalidade de Guimarães).

Esta certidão é por demais eloquente. Não precisaria de comentários. Mas, para ilucidação dos mais ingénuos e para de vèz acabar com murmurações insidiosas das creaturas de má fé, que as há em todas as classes e por toda a parte, julgo necessário fazer-lhe alguns breves comentários.

Tendo organizado uma Comissão Administrativa com

homens de carácter impoluto, de uma só fé e de indiscutível honradez, procurei sempre, com a valiosa ajuda dos meus colaboradores, trabalhar dedicadamente pelo bom nome desta terra, que, por muito que lhe quero, considero como minha. Sabe bem a esmagadora maioria dos vimaranenses o que essa Comissão fez.

Não quero, sequer, salientá-lo agora. Simplesmente procuro, porque alguém ou alguns pretendem, maldosamente, infamemente, caluniar quem por Guimarães trabalhou, se não com brilho, pelo menos com sacrificio, honradez e dedicação desinteressada, quebrar os dentes à calúnia.

**Sactos concretos:**

Saldo positivo deixado pela Comissão Administrativa a que presidi em 31 de Dezembro de 1927 . . . 183 999,71

Saldo positivo deixado pela mesma Comissão em 28 de Janeiro de 1928 . . . 200 590,21

Dividas deixadas por essa Comissão . . . Nenhuma

E como poderia te-las deixado? Pois se dispunha dum saldo num montante de 200.590\$21 é crível que deixasse de efectuar o pagamento de quaisquer dividas que houvesse, quando elas seriam, sem duvida, muitíssimo inferiores a esse montante?...

Desnecessário ir mais longe. Eu, e todos os meus ilustres colaboradores, fomos agravações com a publicidade dum informação, cuja origem certa se desconhece, embora muito positivamente se presume...

Ficar silencioso perante a arremetida audaciosa dum maldoso e indigno informador, do Sr. A. L. de Carvalho, o mesmo seria que induzir em erro certas pessoas que se convenceriam ser verdadeira a manhosa e infame informação.

Tarde embora, porque só agora pude obter o documento official acima transcrito, o desagravo aqui fica feito e, sem duvida, de maneira bem significativa.

Ainda desta vez... felicemente!... foram quebrados os dentes da Calúnia!...

Guimarães, 11 de Março de 1930.

Duarte Ferreri de Gusmão Sousa Fraga.

**Bom emprego de capital**

Pela retirada para o Brasil do seu proprietário vende-se UMA QUINTA de bom rendimento e boa casa de Senhorio.

E' situada num dos mais lindos lugares do Concelho de Fafe.

Tem estrada, e fica muito perto da vila.

Quem a pretender, queira dirigir-se a

Fraucisco Ribeiro de Castro GUIMARÃES

**ALUGA-SE**

Um bom prédio no Campo do Salvador, grande e bem dividido.

Para informações falar a José André.

**CÃO GOELHEIRO**

Perdeu-se no dia 19 do corrente mês, um cão coelheiro, amarelo que dá pelo nome de *Gibato*.

Procede-se a todo tempo contra quem o retiver.